

**AÇÕES QUE CONFRONTAM, PRÁTICAS QUE SE MESCLAM:
ENSINO/ APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS EM ESCOLAS NÃO URBANAS**

**ACTIONS THAT CONFRONT, PRACTICES THAT INTERMIX:
TEACHING / LEARNING IN VISUAL ARTS IN NON-URBAN SCHOOLS**

Lucia Gouvêa Pimentel / UFMG

RESUMO

Praticar algo tanto pode significar exercer ações que levem ao aperfeiçoamento de modos de fazer, quanto pode significar repetição que leve ao condicionamento do mesmo. Quando se pensa em que praticar algo para buscar o aperfeiçoamento, é preciso levar em consideração a intrínseca necessidade de registro e reflexão do que foi feito. Isso é ainda mais premente quando se trata da preparação inicial para o trabalho em escolas no campo, ribeirinhas e na floresta. Levando em consideração que essas escolas têm outros tempos e outras lógicas de aprendizagem, discute-se que premissas seriam essenciais para a formação de professores em Artes Visuais nesses espaços que são, por vezes, tão diversos do dia a dia dos estudantes das licenciaturas das modalidades artísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Prática artística; formação de professores; escolas não urbanas.

ABSTRACT

Practicing something both can mean doing actions that lead to the improvement of ways of doing, as it can mean repetition that leads to the conditioning of it. When we think about practicing something to seek improvement, we must take into account the intrinsic need to record and reflect on what has been done. This is all the more pressing when it comes to initial preparation for work in camp, river and forest schools. Taking into account that these schools have other times and other learning logics, it is argued that premises would be essential for the training of teachers in Visual Arts in these spaces that are sometimes so different from the day to day of the students of the degrees of modalities artistic activities.

KEYWORDS: *Artistic practice; teacher training; non-urban schools.*

Ações que confrontam, práticas que se mesclam: Ensino/Aprendizagem em Artes Visuais em escolas não urbanas

Embora para o senso comum escolas no campo, ribeirinhas e na floresta possam se referir ao mesmo tipo de escola, a rigor é necessário entender a lógica de cada sociedade que vive em cada um desses lugares, para que se possa pensar em como preparar estudantes das licenciaturas para o exercício da docência nessas comunidades.

Entende-se por escolas no campo aquelas que estão situadas fora do perímetro urbano, em situação de registro legal ou de ocupação, com características próprias de trabalho e com demandas de tempo diferenciadas das escolas na zona urbana. Segundo as Diretrizes da Educação do Campo do Estado de Minas Gerais (Art.2º, II), inclui-se na categoria “do campo” também “aquela situada em área urbana, desde que atenda, predominantemente, às populações do campo”.

Das três modalidades de escola em pauta, talvez seja esta a modalidade de Educação – que oficialmente leva a denominação “Educação do Campo” - a que hoje tem mais leis e licenciaturas específicas.



Figura 1: Escola em assentamento rural do INCRA, em Nova Olinda do Norte.

Foto: Estadão Conteúdo

Fonte: <<http://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2014/09/brasil-tem-508-escolas-rurais-sem-infraestrutura-diz-estudo.html>>.

Entende-se por escolas ribeirinhas aquelas que estão situadas em ilhas às margens ou próximas de grandes rios, demandam deslocamento por barco e, mesmo estando relativamente perto do continente, têm outra lógica de vida e outros tempos de trabalho.



Figura 2: Escola ribeirinha de Belém – PA.
Foto: Lucia Pimentel.



Figura 3: Escola ribeirinha de Belém – PA.
Foto: Lucia Pimentel.

Entende-se por escolas na floresta aquelas que, além de terem outra lógica de trabalho, possuem como eixo de aprendizagem as práticas ancestrais e a interação com a natureza, tratada como fonte primária de investigação para a construção de conhecimentos. São escolas onde não há salas de aulas fechadas e as atividades acontecem no meio da floresta.



Figura 4: Escola na floresta em Coldfall Woods, Inglaterra, UK.
Fonte: <<http://www.funintheforest.co.uk/>>.



Figura 5: Escola na floresta em Coldfall Woods, Inglaterra, UK.
Fonte: <<http://www.funintheforest.co.uk/>>.



Figura 6: Escola na floresta em Coldfall Woods, Inglaterra, UK.
Fonte: <<http://www.funintheforest.co.uk/>>.

Tanto as escolas no campo, como as ribeirinhas e as na floresta, de maneira geral, não fazem parte do convívio dos estudantes das licenciaturas em Artes Visuais, nem mesmo para que os futuros docentes possam pensar em se decidir por trabalhar em alguma delas a partir de um contato inicial.

O ensino das diversas áreas do conhecimento nas escolas urbanas não mescla o que é ensinado nas áreas comumente chamadas de 'científicas' - como Matemática, Física e Química, por exemplo -, e a vida nessas comunidades, uma vez que os conhecimentos matemáticos, físicos e químicos são ministrados como sistematização e nomeação, e não como interação. Assim, pode-se dizer que as

informações dessas áreas são acréscimos à sua vida, não se imiscuem com sua ancestralidade, com sua organização social ou com seus sentimentos e sua cultura.

Arte não tem a mesma vertente para todos os povos. A denominação do que é arte, no contexto escolar, refere-se ao ideário europeu e tão somente à origem de registros estéticos feitos por povos urbanos ou que foram feitos por outros povos sem intenção artística, mas são trasladados para espaços expositivos como sendo arte. A elaboração do que se chama de objetos de arte, ou obras de arte, é feita de maneira consciente, ou atribui-se a eles o intuito de provocar sentimentos ou emoções estéticas, sejam elas prazerosas ou não, mesmo que em sua concepção isso não seja verdadeiro.

As pessoas que se referem à natureza como sendo bela ou obra-prima de um ser superior, por exemplo, não veem problema algum em arrancar uma flor de seu *habitat* e levá-la para casa somente para sua contemplação. Essa não é a atitude dos povos das escolas na floresta, por exemplo, que tomam por princípio que todos os seres vivos têm o mesmo direito à vida em seu contexto, sejam eles humanos ou não, e que todos devem ser igualmente tratados. Para eles, não se pode retirar uma flor de seu lugar como não se retiraria uma criança de seu lar para levá-la a outro lugar somente para contemplá-la.

Da mesma forma, o que designamos ser arte, para esses povos, não tem a função de pura contemplação – ou de mostrar *status* econômico -, mas está relacionada com a vida ela própria, com o dia a dia. Não se discute seu valor, porque é o mesmo valor da vida.

Nesse escopo, a prática artística tal como se entende nas escolas urbanas não tem associação com o que esses povos produzem e que é chamado de arte. Para que haja equivalência com a educação escolar em geral, o que se faz é implantar outra prática – que é considerada artística – para compor o quadro de componentes curriculares nas escolas não urbanas de maneira geral. No entanto, essa prática não é somente acrescida à vida dos estudantes, mas interfere em suas práticas de vida, pois passa a ser outra maneira de estarem inseridos na cultura urbana, com outros valores.

Escolas no campo, ribeirinhas e na floresta

A educação nas escolas no campo, ribeirinhas e na floresta está intimamente relacionada aos movimentos sociais e não se limita à escola. *Campo, ribeirinho e floresta* indicam não só o lugar onde as pessoas vivem, mas são suas próprias vidas.

As relações sociais da comunidade são educativas e a escola não é delimitada por muros, sendo aberta a todos os tipos de ações consideradas educativas. Por isso, as ações escolares precisam ser elaboradas e discutidas conjuntamente com a comunidade, uma vez que não é possível pensar a escola como algo à parte da vida de todos os seus integrantes.

Nessa concepção, a lógica do currículo escolar e dos tempos escolares não é a de conteúdos estanques, mas sim a de respeito aos tempos específicos de cada grupo social, suas demandas e suas disponibilidades.

Pouco se tem discutido como deve ser o currículo da educação em escolas no campo, ribeirinhas ou na floresta. Nesses espaços, como em todas as circunstâncias, currículo não deve ser pensado como algo a ser seguido literalmente, mas ser referência para ações educacionais que sejam significativas para os estudantes e, por circunstância, para a comunidade. Especialmente em relação às escolas não urbanas, o currículo não pode ser mais importante que as demandas sociais e que as necessidades básicas e prementes das pessoas.

O grande desafio – sempre - é que não seja elaborado com teorias que usam técnicas de “fabricar” currículo como uma lista de conteúdos, uma vez que precisa servir de referência a possíveis construções de conhecimentos significativos para a vida, e não para colocar a vida em função do currículo escolar.

O próprio conceito de Educação Básica precisa ser reelaborado quando se trata de educação no campo, ribeirinha e na floresta. Que características tem o que é *básico* nas escolas no campo, ribeirinhas e na floresta? Como elas podem estar presentes na escolarização, nessas escolas? Existe algo que possa ser considerado *básico* na educação no campo, ribeirinha e na floresta, e que deva ser próprio da escola? E mais: o que as escolas no campo, ribeirinhas e na floresta têm a ensinar para as escolas urbanas?

Tomando como exemplo para essa aprendizagem as escolas dos países nórdicos, que têm os maiores índices em Educação no mundo, as escolas na floresta são opção para muitas famílias que consideram a vivência da infância e os saberes de vida essenciais para a formação das crianças e jovens.

Não se trata de preparar as crianças para a vida, mas sim de permitir-lhes que vivenciem sua vida no momento mesmo em que estão. As crianças e jovens não são os cidadãos de amanhã, são cidadãos hoje, com direitos e deveres próprios de sua idade. Quem não considera que crianças e jovens sejam cidadãos, e não contribui para a formação de crianças e jovens da atualidade, não sabe o que é futuro, não pode pensar o futuro.

Um exemplo de escola na floresta é a Kids Gone Wild¹, na Dinamarca. Nela as crianças exercem seu direito à infância, aprendendo tanto a conviver com o ambiente e terem responsabilidade sobre seu comportamento, quanto a viver a natureza dita “selvagem” dentro de seus próprios limites. Seus professores e administradores participaram de pesquisas que demonstram que a metodologia criada a cada circunstância e para cada grupo de crianças, em sua relação com a natureza, promove a autoconfiança e ajuda a manter o foco na aprendizagem em todas as áreas do conhecimento.

Em Arte, essa vivência desenvolve a percepção sensível e a atenção para detalhes, algumas das habilidades essenciais para o pensamento estético/artístico. As escolas no campo, ribeirinhas e nas florestas propiciam aos estudantes essa vivência. O que falta, então, para que essas escolas sejam referência de ensino/aprendizagem? Onde está a lacuna? Qual o espaço a ser ocupado? Quem pode ocupá-lo? O que os estudantes das licenciaturas em Artes Visuais sabem a esse respeito? O que os professores das licenciaturas sabem ou já vivenciaram nesse campo?

Prática artística e ações pedagógicas

Praticar algo tanto pode significar exercer ações que levem ao aperfeiçoamento de modos de fazer, quanto pode significar repetição que leve ao condicionamento do mesmo, sem qualquer tipo de aprimoramento ou de reflexão em relação ao que é feito. Quando se pensa em que praticar algo para buscar o aperfeiçoamento, é

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Ações que confrontam, práticas que se mesclam: ensino/aprendizagem em artes visuais em escolas não urbanas, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3289-3298.

preciso levar em consideração a intrínseca necessidade de registro e reflexão do que se fez.

Para as ações pedagógicas em Artes Visuais, tem-se como premissa a prática como possibilidade de aperfeiçoamento, aprofundando questões quando as ações iniciais se mostraram adequadas e fazendo mudanças de trajetória quando a abordagem inicial não foi satisfatória. Com as tecnologias à disposição nos dias de hoje, em confronto com a falta de tempo presente na vida diária, fazer registros das ações pedagógicas para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais é mais uma questão de tornar isso um hábito do que de ter que buscar meios para fazê-lo. Gravações de voz e de vídeo, fotos e manuscritos podem fazer parte do acervo necessário ao auxílio à memória para o tempo de sistematizar dados e considerações que auxiliem o processo reflexivo.

No entanto, quando se trata de registros de práticas pedagógicas em Artes Visuais nas escolas no campo, ribeirinhas ou na floresta, esses registros precisam estar acompanhados por novas aprendizagens a respeito do contexto espacial e cultural onde a ação pedagógica ocorre. Isso é essencial para que os registros não apontem as várias questões que envolvem o ensino/aprendizagem em Artes Visuais somente como algo estranho, exótico ou alienígena, que não se parece ou relaciona aos seus costumes e à sua vivência estética.

Pode-se dizer que há um deslocamento intrínseco ao movimento de formação inicial de professores para essas escolas, uma vez que a vivência escolar da maioria dos estudantes das licenciaturas em Artes Visuais das universidades e faculdades que oferecem esses cursos tem como referência sua própria vivência escolar, muito diferente das realidades de vida dos povos do campo, ribeirinhos e da floresta.

As condições de prática pedagógica no Estágio Supervisionado obrigatório dos cursos de Licenciatura, portanto, dependem de proximidade ou deslocamento para essas escolas, ou de projetos específicos que propiciem a vivência tanto escolar quanto na comunidade, durante o curso. Como já foi dito, não se trata de implantar o que é feito nas escolas da zona urbana nas escolas no campo, ribeirinhas e na floresta, mas sim de ter vivências de aprendizagem na comunidade onde elas estão

inseridas, para que o que é aprendido no curso de Licenciatura possa ser (re)pensado e seja formulada outra proposta artístico/pedagógica mais adequada.

São necessárias políticas públicas educacionais que possibilitem essa formação, que nunca pode ser feita de maneira aligeirada, com leituras a distância e descontextualizadas. Os documentários feitos por indígenas sobre seus costumes, por exemplo, são de grande valia para a aprendizagem inicial sobre eles². No entanto, é somente na experiência de vida em seu meio que pode haver a aproximação com sua cultura. Outra aprendizagem importante é a de conhecer artistas contemporâneos desses povos, que já estão no circuito da arte como camponeses, ribeirinhos ou indígenas que fazem arte. Essa é uma tarefa um tanto árdua, uma vez que são pouco divulgadas suas obras. A tecnologia ajuda nessa tarefa, mas ainda assim é preciso garimpar *sites* confiáveis, que apresentem os próprios artistas e não seus intermediários³.

Docência no campo, ribeirinha e na floresta

Ser professor no campo, ribeirinho, ou na floresta é uma opção de vida, é uma decisão pessoal e profissional. Feita a escolha, é preciso estar preparado para os desafios que essa escolha traz consigo.

Parte-se do princípio que a preparação como professor se dá todos os dias, a cada novo plano de aula, a cada busca de referências, a cada conversa com os colegas e com os estudantes, a cada reflexão sobre o que aconteceu, o que propiciou avanços na construção de conhecimentos e o que poderia ser melhor para seguir em frente.

Essa reflexão, por vezes, é feita solitariamente, mas fica melhor quando se pode compartilhar com outros profissionais que transitam no mesmo campo ou em campos afins. Às vezes, há projetos que podem ser acoplados a outros e serem mais eficazes. Às vezes, poder discutir com colegas o que ocorre em sala de aula é um tempo para reorganizar o pensamento e encontrar soluções para os problemas que se apresentam, bem como para colaborar com soluções encontradas.

As ações artísticas são privilegiadas para trabalhar o pensamento crítico, para integrar projetos e para promover possibilidades de ensino/aprendizagem mais consistente. Daí a importância da atualização constante e continuada dos professores que atuam na Educação Básica das escolas não urbanas em

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Ações que confrontam, práticas que se mesclam: ensino/aprendizagem em artes visuais em escolas não urbanas, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.3289-3298.

compartilhamento com especialistas em Artes que trabalhem metodologias diversas para auxiliar o dia a dia da tarefa de educar.

As experiências cotidianas, por si só, não são suficientes para promover a aprendizagem consistente em Artes Visuais. Construir metodologias que diversifiquem as possibilidades de ensino/aprendizagem, nos vários campos de conhecimento e na vida, são essenciais para que crianças, jovens e adultos sintam a escola como parte integrante de suas vidas e deem vida à escola.

É preciso estudar constantemente, compartilhar experiências, vivenciar culturas, explorar possibilidades, aceitar desafios e lidar com eles como impulso para construção de novos conhecimentos e modos pedagógicos.

A base teórica amplia o escopo para a dinamização do pensamento artístico e expande as condições da ação do artista/professor, de modo que ele pode tanto conhecer melhor os caminhos trilhados pelos estudantes, quanto propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos, com experiências e vivências em fruição, reflexão e elaboração artística. O entendimento de que teorias não são fixas ou enjauladas em si mesmas, a ponto de não poderem se articular com outras teorias, limita não só a ação educativa, mas também nega ao estudante o direito que ele tem de saber algo por vias diversas e poder se adequar àquela em que ele se sinta mais confortável ou àquela que seja mais desafiadora.

Uma premissa comum a várias vertentes teóricas é a necessidade de que os educadores tenham como certeza que as potencialidades de pensamento e expressão artística estão presentes em todas as crianças, os jovens e os adultos, e que todos sejam capazes de lidar com eles em igualdade de condições, sabendo que não terão igualdade de produção, mas devem ter as mesmas oportunidades de educação em Arte. Se essas potencialidades não forem reconhecidas, as ações apontadas por essas vertentes não estarão sendo respeitadas em sua plenitude.

Considerar as diferenças como possibilidade de desafio – e não um empecilho – é se apropriar da contextualização de maneira adequada, incitando a imaginação, buscando em cada educando as referências das experiências pessoais que perpassam a construção de conhecimento.

Notas

¹ Disponível em: <<https://youtu.be/Jkij9dJfcw>>.

² Há, inclusive, uma Bienal de Cinema Indígena.

³ Por exemplo, “O sonho do *nixi pae* - o movimento dos artistas Huni Kuin”, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=O_eEa3FBTEc> e>. “Bimi - Mestre de Kenes” (Huni Kuin). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=JxaP8WFyBqo>>.

Referências

<<http://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2014/09/brasil-tem-508-escolas-rurais-sem-infraestrutura-diz-estudo.html>>. Acesso em: 12/02/2018.

<<http://www.funintheforest.co.uk/>>. Acesso em 12/02/2018.

<<https://youtu.be/Jkij9dJfcw>>. Acesso em: 12/02/2018.

MINAS GERAIS. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares para Educação do Campo*. Disponível em:

<<https://www.educacao.mg.gov.br/.../Diretrizes%20da%20Educação%20do%20Campo>>.

Acesso em: 12/02/2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In: Revista *ouvirOUver*, v.11, n.1, 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>>. Acesso em: 22/05/2018.

Lucia Gouvêa Pimentel

Professora Titular da EBA/UFMG. Atua no PPGARTES EBA/UFMG e no PROF-ARTES, orientando projetos de Mestrado e Doutorado. Doutora em Artes (USP), Mestre em Educação (UFMG), Bacharel e Licenciada em Artes Visuais (UFMG). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino de Arte e Tecnologias Contemporâneas (CNPq), membro do CLEA (Consejo Latinoamericano de Educación por el Arte) e Editora da Revista CLEA. Foi Coordenadora Adjunta da área de Artes - Mestrado Profissional (CAPES) (2015-2017).